

UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA SOBRE ENCONTROS DE TROCA DE ROUPAS DE SEGUNDA MÃO.

Jéssica Baptista dos Santos Ventura¹

Resumo: Este artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que relaciona a moda ética a práticas de consumo alternativas. O objetivo do presente estudo é investigar, em que medida, a lógica de funcionamento dos rituais de troca em sociedade arcaicas revela pontos de aproximação com os encontros de troca de roupas de segunda mão na atualidade, levando em consideração que a cultura é um fenômeno que permeia as diferentes sociedades. Também procuramos, por meio da Antropologia do consumo, observar o papel dos bens na constituição dos sujeitos e das interações sociais, sendo o consumo de roupa usada o objeto de referência. Em termos metodológicos, utilizamos a coleta de dados e a observação simples que nos auxiliam na descrição do fenômeno.

Palavras-chave: cultura da troca; encontro de troca de roupas de segunda mão; consumo

Introdução

A moda e o consumo são fenômenos culturais importantes para a compreensão e a leitura da sociedade. Por meio do consumo de moda, os sujeitos definem suas identidades, estilos de vida e interagem com os demais. No entanto, nas últimas décadas, a produção e o consumo de mercadorias, inclusive na indústria têxtil, cresceu de maneira exponencial, acarretando em uma série de problemas para o meio ambiente.

De acordo com informações retiradas do site da Abit², associação brasileira da indústria têxtil e de confecção, a cadeia da moda tem uma produção média têxtil de mais de dois milhões de toneladas e fabrica uma média de mais de nove bilhões de peças entre vestuário, acessórios, cama, mesa e banho. Em uma perspectiva ambiental, esses números apontam para o alto índice de uso dos recursos naturais.

É nesse contexto que começam a surgir na moda alternativas de consumo consideradas mais conscientes, ou seja, práticas em que os sujeitos reflitam sobre os seus próprios hábitos de compra e o impacto negativo que o consumo desses bens podem ocasionar no meio ambiente. Dentre as diversas práticas de consumo de moda

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), linha de pesquisa Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade, sob a orientação da professora doutora Denise da Costa Oliveira Siqueira. E-mail: jessicabsventura@gmail.com

² Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor> Acesso em: 18.03.2021

consideradas mais sustentáveis, destacamos os encontros de troca de roupas de segunda mão, também conhecidos como feiras ou bazares de troca em que os participantes são incentivados a trocar roupas e acessórios que estão sem uso no guarda roupa.

É importante salientar que a investigação dos espaços de troca já foi tema de outro artigo apresentado no Enecult de 2018 no grupo de trabalho Culturas e Modas intitulado: *Escambo na metrópole: uma experiência de consumo de moda sustentável com o Projeto Gaveta* em que buscou-se realizar uma análise detalhada de como funciona esses espaços de troca. Na presente pesquisa, procurou-se investigar a relação que esse tipo de prática, de trocar roupas, guarda com a cultura da troca investigada, nas sociedades arcaicas, pelos antropólogos. Além disso, procuramos analisar os bens, no caso as roupas, como objetos que possibilitam a interação social entre os sujeitos que participam da troca.

Assim, buscamos na Antropologia autores como Malinowski (1986) e Marcel Mauss (2003) que nos ajudam a entender as origens dessas relações de troca estabelecidas em distintas civilizações, e que configuram a base para pensarmos o consumo de bens na atualidade, também recorremos a Clifford Geertz (1978) que discute a importância da interpretação das experiências culturais coletivas para o entendimento dos fenômenos sociais e Erving Goffman (2012) que trata do comportamento social que é esperado dos indivíduos, quando em interação. Sobre os bens, nosso debate avança sobre o campo da antropologia do consumo, para isso recorremos a Mary Douglas e Baron Isherwood (2009) que tratam sobre o papel dos objetos como marcadores sociais que estabelecem fronteiras nas relações sociais.

Cultura da troca na perspectiva antropológica

É importante salientar que o conceito de cultura carrega consigo uma vasta produção teórica empreendida por diferentes campos das ciências humanas, a antropologia, área que apoia a presente discussão, se debruça sobre a problemática cultural, tendo como referência pensadores como Tylor, Malinowsky e Radcliffe–Brown.

Para essa ciência, em um primeiro momento, a cultura é associada ao estudo dos povos considerados “primitivos” em oposição aos “civilizados”, esse pensamento

evolucionista considera a cultura ocidental européia mais avançada que a dos demais continentes e encontra base no darwinismo social, que seria a tentativa de aplicar a evolução das espécies nas sociedades, ou seja, alguns grupos eram considerados mais evoluídos que outros. Toda essa discussão se deu, principalmente durante o século XIX, dentro de um contexto filosófico e político que tinha como base o pensamento Positivista, que pregava que a verdade estava apenas na ciência, desconsiderando, desta forma, a validade das crenças religiosas.

Para dar início a discussão sobre a cultura da troca, recorreremos ao trabalho de campo desenvolvido pelo antropólogo Bronislaw Malinowski que no texto *A lei e a ordem primitivas* (1986) trata da economia melanésia, observando a relação de troca entre as aldeias litorâneas que fornecem pescado e as aldeias do interior que oferecem vegetais. Para o autor, essa dependência artificial, criada pela cultura, ocorre em decorrência da raridade e, por consequência, do valor atribuído aos alimentos, fazendo com que a relação entre as comunidades, que não se resume apenas a esse tipo de troca, faça parte de um sistema total de reciprocidades. “Todas as cadeias de reciprocidade são assim reforçadas por serem parte integrante de todo um sistema de mutualidade” (MALINOWSKI, 1986, p.26).

Esse sistema engloba todas as transações sociais que configuram a base para a existência das comunidades “primitivas”. No sistema de reciprocidade, as trocas não ocorrem aleatoriamente, mas cada indivíduo tem seu sócio permanente. Nesse sentido, para Malinowski “a troca estabelece um sistema de laços sociológicos de natureza econômica, frequentemente combinados com outros laços da vida social” (MALINOWSKI, 1986, p.54).

O Kula é um exemplo de fenômeno econômico de troca de extrema relevância na vida tribal dos nativos, de acordo com os relatos e as observações etnográficas realizadas por Malinowski no texto *Os argonautas do pacífico Ocidental*. O Kula é um sistema ritual de trocas de braceletes e colares entre os nativos de um conjunto de ilhas da Melanésia. Os objetos da troca podem parecer sem valor, no sentido monetário da palavra, mas para os trobriandeses o valor dos objetos está na história própria que carregam e por isso são venerados.

Os objetos são transportados em um circuito fechado em que cada objeto tem uma rota oposta, ou seja, os braceletes viajam em uma direção, enquanto os colares viajam na outra direção. O Kula é tão central na vida social dos trobriandeses que é feita uma embarcação somente para este ritual, não sendo possível transportar outra coisa, senão os objetos da troca. As expedições marítimas são realizadas em parcerias permanentes entre os nativos.

As transações econômicas, descritas pelo autor, inclusive o Kula, estabelecem entre os que trocam uma espécie de vigilância sobre a conduta alheia para que não haja a quebra da obrigação resultante da troca. Para Malinowski, o constrangimento social é o que permite o funcionamento das instituições. Nesse contexto, a corrente funcionalista, na qual o autor faz parte, considera a sociedade como um sistema complexo em que cada componente trabalha para viabilizar sua estabilidade e funcionamento.

Sobre o constrangimento social, o antropólogo Erving Goffman em sua obra *Ritual de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face* (2012) aponta que a sacralidade dos atos simbólicos suscita comportamentos socialmente esperados, nesse sentido, se o indivíduo rompe com essa expectativa de comportamento, durante o contato social, ocorre a desorganização da situação, gerando constrangimento ou até mesmo a alienação da interação que seria, de acordo com o autor, a falta de interesse pelo contato com o outro.

Em *Ensaio sobre a dádiva* (2003) o antropólogo Marcel Mauss refere-se ao ritual do Kula como fato social total, ou seja, é um regime social de transmissão e prestação de contas que abarca todos os aspectos da vida em sociedade. Nesse sentido, é preciso levar em consideração as trocas econômicas, ritualísticas, os casamentos e nascimentos, por exemplo, como partes que se integram de maneira dinâmica, possibilitando a permanência das sociabilidades.

Para Mauss, o Kula é mais do que um sistema de comércio entre tribos. A lógica da troca de presentes, nessas sociedades, toma os atos de dar, receber e retribuir por bases que fundamentam o social. Nesse sentido, a troca estabelece um ciclo sem fim entre donatários e doadores que mudam de papéis constantemente. É nessa mudança

que as relações entre os que participam desse sistema se solidifica, estabelecendo as alianças sociais.

Sobre os objetos da troca no Kula, Mauss os compara às formas ocidentais de mercado, definindo-os como uma espécie de moeda, que carrega consigo um valor mítico, religioso e mágico, ou seja, não é possível compará-los a simples moedas de troca utilizadas nas sociedades ocidentais, porque há por trás dos objetos a qualidade de sagrados.

Nesse sentido, Mauss conclui que o sistema de dádivas é um compromisso simbólico que perpassa toda a vida econômica e moral dos trobriandeses. “É um constante dar e tomar. É como que atravessada por uma corrente contínua e em todos os sentidos, de presentes dados, recebidos, retribuídos obrigatoriamente por interesse, por grandeza e por serviços, como desafios e garantias” (MAUSS, 2003, p. 227).

Em seu texto, Mauss também analisa etnografias de sistemas de troca de diferentes sociedades arcaicas e observa o caráter ambíguo dessas relações, pois se por um lado os indivíduos trocavam de maneira espontânea, por outro havia interesses de ordem política e econômica. Assim sendo, para o autor haveria um sistema de prestações totais em que prestações e contraprestações são voluntárias, ainda que rigorosamente obrigatórias.

Mauss utiliza como exemplo de prestação total de tipo agonístico o potlatch, troca praticada por tribos do noroeste americano, em que os chefes competem entre si ofertando uma quantidade crescente de bens, como objetos de bronze e peles de animais, ganha a disputa o chefe considerado mais generoso. A troca entra, de acordo com Mauss, em substituição a guerra e tem por finalidade assegurar o benefício hierárquico de determinado clã, ou seja, sua superioridade social sobre os demais. “(...) tudo se mistura numa trama inextricável de ritos, de prestações jurídicas e econômicas, de determinações de cargos políticos na sociedade dos homens, na tribo, nas confederações das tribos”(MAUSS, 2003, p. 192).

Outro ponto relevante, apontado por Mauss, sobre as trocas está na integração material e espiritual das sociedades estudadas. Na troca entre os nativos da Nova Zelândia, os Maori, o objeto trocado carrega o espírito do doador, estabelecendo um contrato de alma com o destinatário e, por consequência, o obriga a retribuir o presente.

Assim, o dar e o receber promovem uma relação prestigiosa e honrosa de interdependência moral entre os indivíduos. “Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas” (MAUSS, 2003,p. 212).

O sagrado dos objetos está relacionado ao social e ao coletivo dessas civilizações. Para Mauss, as obrigações de prestações recíprocas ficam a cargo da coletividade, e não do indivíduo. Essas prestações são consideradas, pelo autor, como o mais antigo sistema de economia e de direito. Sendo assim, a circulação de riquezas desse sistema está ancorada em interesses e desprendimentos que servem de base para pensarmos as relações de consumo nas sociedades ocidentais, a partir de uma perspectiva antropológica do consumo.

Consumo e Cultura

Dentre as definições de consumo, apresentadas pelo dicionário Aurélio, destacamos a que mais se aproxima da proposta deste estudo. A que define consumo como aquisição de bens para a satisfação de necessidades e desejos humanos. É preciso deixar claro que a perspectiva aqui adotada reconhece que todo e qualquer ato de consumo é essencialmente cultural, logo a satisfação de necessidades como comer, beber e se vestir, por exemplo, reproduzem estruturas de significados da vida em sociedade.

Em *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo* publicado, no final da década de 70, pela antropóloga Mary Douglas e o economista Baron Isherwood, os autores procuram realizar uma ponte entre a antropologia e a ciência econômica na busca de um entendimento entre as áreas sobre o conceito de consumo. Até a publicação do livro, o pensamento corrente era a teoria utilitarista que tratava o consumo como uma atividade individual em que as pessoas faziam escolhas sobre os bens que consumiam. Douglas questiona essa visão ao lembrar que o consumidor é um animal social que vive dentro de uma cultura.

A temática da cultura é explorada por diversos pesquisadores ao longo da história da antropologia; para este ensaio destacamos o trabalho do antropólogo estadunidense Clifford Geertz que também na década de 70 escreveu o livro *A*

interpretação das culturas (1978). Nesta obra, o autor aponta que a cultura deve ser pensada como um texto que o antropólogo interpreta. Nas palavras do autor,

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado (Geertz, 1978, p. 15)

Assim, a cultura é tomada como uma ciência interpretativa, uma teia de significados em que os atos sociais só fazem sentido, porque estão submetidos a regras que são compartilhadas simbolicamente entre os indivíduos, de outra maneira não seria possível a interpretação dos fenômenos sociais, inclusive o ato de consumir. Nesse sentido, para Geertz, o fazer etnográfico é uma tentativa de ler os fenômenos culturais, tendo como base os comportamentos sociais.

Após essa breve explicação da cultura elaborada por Geertz, retomamos a obra *O Mundo dos bens* em que os autores propõem uma análise sobre as origens do consumo. Nos interessa refletir sobre a primeira parte do livro que questiona o papel dos bens na sociedade, para isso os autores recorrem às sociedades arcaicas e as suas formas de consumo, tendo como referência a obra *Ensaio sobre a dádiva* de Marcel Mauss.

Conforme já discutido anteriormente, a troca de bens das sociedades ditas “primitivas” configura uma atividade que media toda a vida social da tribo, incluindo as cerimônias religiosas, rituais de casamento, nascimento e economia, por exemplo. De acordo com Douglas, essa perspectiva demonstra a relevância do sistema de troca na manutenção das relações e a importância dos bens na composição da lógica desse sistema, assim nos rituais arcaicos como o potlatch, descrito por Mauss, há uma exibição competitiva, entre os chefes das tribos, que tem nos bens um fio condutor que pode estabelecer marcadores sociais, possibilitando a tribo vencedora um lugar de destaque na hierarquia social. “Os bens são neutros, seus usos são sociais, podem ser usados como cerca ou como pontes” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 36).

É interessante observar que os objetos consumidos são símbolos que operam dentro de uma lógica de consumo própria do seu tempo e que categorias específicas de valor são acionadas, conforme as necessidades dos grupos sociais. Nesse sentido, para a

autora os bens têm função, dão sentido aos rituais e estes possuem regras sociais bem definidas que configuram a parte visível de cada cultura

Outra característica sobre os bens, apontada pela autora, diz respeito à comunicação. “O homem precisa de bens para comunicar-se com os outros e para entender o que se passa à sua volta” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p.149). Logo, a circulação dos bens nas trocas possibilita a comunicação simbólica entre os indivíduos, estabelecendo ou rompendo alianças sociais. Sendo o bem, a dimensão material do sistema de troca é preciso ressaltar que os objetos carregam uma história, possibilitando a existência de uma memória que ajuda a entender a constituição do indivíduo no mundo.

Ao analisar o consumo em nossas sociedades ocidentais capitalistas, Douglas observa que os rituais de consumo fixam significados que dão sentido às ações e as coisas que nos cercam, fornecendo um material simbólico que nos ajuda a ler a cultura a qual estamos inseridos. A partir dessa contextualização do consumo de bens, através de uma análise de cunho antropológico, buscamos nesta pesquisa resgatar as origens do consumo como prática social em sociedades primitivas e o valor que os bens têm nesse processo ritualístico.

O consumo de bens, por ser fundamentalmente cultural, carrega consigo uma infinidade de relações de ordem simbólica que estão no cerne dos processos sociais e culturais. Dito de outra forma, a circulação e a troca de bens, realizadas na sociedade moderna contemporânea, nos ajudam a entender os diferentes fenômenos que constituem a vida em sociedade. Esse olhar da antropologia sobre o coletivo, por meio dos sistemas de troca, vai na contramão da visão de alguns pensadores que privilegiam o consumidor e suas escolhas individuais, não levando em consideração o ponto de vista cultural, que afeta diretamente essas escolhas tão valorizadas na sociedade de consumo contemporânea.

Encontros de troca de roupas de segunda mão

Encontros, festas, bazares e feiras são algumas das denominações atribuídas ao hábito cada vez mais comum em diversos países de trocar roupas. No livro *O que é meu*

é seu: Como o consumo colaborativo vai mudar o (seu) nosso mundo (2011) Rachel Botsman e Roo Rogers afirmam que:

Quando você pesquisa “trocas de roupas” no Google, existem mais de 12,7 milhões de resultados. Os registros vão da Naked Lady Clothing Swap, no Oregon, ao Pink Cow Clothing Swap, em Tóquio, e à Fashion Reloaded Clothing Swap, em Berlim. Este fenômeno passou de festas privadas em um pequeno grupo de amigas para eventos pagos de alta moda, realizados em armazéns com DJs, bares abertos e vendedores de comidas, capazes de atrair multidões de todas as idades, todos os tamanhos e gostos de moda. Alguns eventos nem chegam a descrever a negociação como troca, mas inventaram um nome mais ambicioso: escambo fashion (BOTSMAN; ROGERS, 2011, p.65)

No Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro, está em recurso a pesquisa de doutorado, acima citada, que visa analisar as narrativas construídas nesses encontros de troca de roupas que costumam estar associados a eventos de maior porte como *Fashion Revolution*³ e *Virada sustentável*⁴, além desses eventos os bazares de troca de roupa ocorrem em menor escala entre pessoas interessadas nesse tipo de prática, que tomam ciência das trocas, pela cidade, por meio dos perfis dos encontros nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*.

Retomando a discussão, buscamos estabelecer pontos de aproximação entre as atribuições pertinentes aos rituais de troca praticados pelos povos analisados pelos antropólogos e os encontros de troca de roupas de segunda mão, dentro de uma sociedade voltada para o consumo. É preciso deixar claro que o objetivo desta análise se concentra em observar o papel da cultura, independente da sociedade, na constituição do rito da troca como forma de interação entre os sujeitos.

Conforme descrito anteriormente por Malinowski (1984), a troca opera dentro de um sistema de reciprocidades. Assim, também é nos encontros de troca de roupas, pois os sujeitos, adeptos a esse tipo de prática, estão em relação de interdependência uns com os outros, ou seja, só há troca se os participantes levam roupas para trocar, nesse sentido a lógica de existência dos encontros está apoiada em um sistema maior de solidariedade entre os participantes. A quebra da regra de não trazer roupas impossibilita a entrada no evento.

³Disponível em: <https://www.fashionrevolution.org/south-america/brazil/> Acesso em: 18.03.2021

⁴Disponível em: <https://www.viradasustentavel.org.br/Acesso em: 18.03.2021>

No Kula o valor dos objetos trocados está na história que carregam e não no valor monetário. O mesmo ocorre nos encontros de troca, o valor das roupas está na história que carregam dos seus antigos donos, o desejo de consumir a peça do outro opera em uma lógica totalmente diferente de comprar uma roupa nova em uma loja. A roupa de segunda mão não tem valor para o mercado, mas está imbuída de outros valores simbólicos que são partilhados entre os membros de uma comunidade que prega a sustentabilidade como um princípio para consumir roupas.

Quanto à questão do constrangimento nas interações sociais, conforme descrito por Goffman (2012), nos eventos de troca toda atitude que quebra as regras estipuladas podem gerar constrangimento social. Um exemplo é a pessoa que leva peças rasgadas, furadas ou até mesmo manchadas, mesmo sabendo que as peças não serão aceitas. Esse tipo de comportamento promove uma desorganização da situação, expondo a pessoa para os demais participantes que observam a conduta alheia, enquanto aguardam para entregar suas roupas. De acordo com os organizadores⁵, não parece justo para quem participa levar uma roupa em bom estado para trocar por uma peça em condições ruins, além do tempo que se perde tendo que explicar novamente uma regra que já foi exposta por email.

Mauss afirma que há interesses econômicos no sistema de trocas, de igual modo observa-se, por meio de entrevistas, que os participantes dos eventos de troca estão interessados em possuir novas peças de roupas sem pagar nenhum dinheiro por elas, ou seja, uma forma de economizar dinheiro e ter peças novas no armário. Os próprios organizadores das trocas utilizam esse tipo de argumento para incentivar as pessoas a participarem da troca.

Outro ponto levantado por Mauss (2003) diz respeito ao fato dos objetos da troca carregarem o espírito do doador. Nas trocas de roupas, isso pode ser um fator impeditivo para que as pessoas venham a aderir a essa prática, da mesma forma que muitos não compram roupas em brechós, porque não querem levar consigo a energia da pessoa que portava a peça anteriormente. Na tentativa de desconstruir esse argumento os organizadores atrelam a energia ruim as roupas fabricadas por pessoas em condições

⁵Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com as idealizadoras dos seguintes encontros de troca: Bananabitati e Jargim da Mag, ambas situadas na cidade do Rio de Janeiro.

análogas a escravidão e que são vendidas em lojas de departamentos. Sem que o consumidor tenha nenhuma noção sobre a origem das peças que consome.

Na perspectiva da antropologia do consumo, Douglas (2009) aponta que o sistema de troca é importante para a manutenção das relações. Associando aos encontros de troca de roupas, percebe-se que a frequência dos encontros permite que os sujeitos que se interessam pela temática da moda sustentável possam construir e estabelecer redes de relacionamento com as pessoas que partilham da mesma preocupação com o meio ambiente.

Para Douglas e Isherwood (2009) o ato de consumir é um ritual que pode estabelecer ou dissolver relações. Nesse sentido, consumir roupas de segunda mão faz parte de um ritual, ou seja, de um hábito entre os que partilham a crença de que as escolhas individuais podem trazer mudanças significativas para os modos de consumir moda na atualidade.

Considerações finais

O presente estudo buscou primeiramente, apoiado no método da etnografia, resgatar o relato dos primeiros antropólogos que descreveram de maneira detalhada os rituais de troca praticados em sociedades arcaicas. Em posse dessas informações, seguimos tentando relacionar essas práticas ritualísticas aos encontros de troca de roupa de segunda mão na atualidade. Nesse sentido, concluímos que a cultura, independente da sociedade em que ela se manifeste, é indispensável para se pensar as relações entre os sujeitos que interagem em diferentes tempos e espaços sociais.

Os rituais, presentes em todas as esferas da vida coletiva, orientam a vida social dos sujeitos, assim sendo a escolha por determinado bem é acima de tudo simbólica e cultural. Nesse contexto, trocar roupas é uma prática imbuída de sentidos que estão implicados para além da troca, sendo a roupa usada um objeto de comunicação que transmite a mensagem sobre a adoção de um estilo de vida mais consciente. Como nos instrui Mauss (1974) não existe nada de natural na forma como nos comportamos.

As reflexões sobre o campo da moda e dos encontros de troca nos parece atual e instigante ao considerar as tendências de consumo na contemporaneidade. Por fim, torna-se interessante olhar para novas pesquisas nesse cenário. Cercados por disputas,

saberes e práticas, reforçamos a importância de refletir a respeito de estudos transdisciplinares que se vinculam aos fenômenos sociais e culturais, marcando diálogos com distintos campos do saber.

Referências bibliográficas

BOTSMAN, R.; ROGERS, R. O que é meu é seu: Como o consumo colaborativo vai mudar o (seu) nosso mundo. São Paulo: Saraiva, 2011.

DOUGLAS, M; ISHERWOOD, B. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Cap.1 Por uma descrição densa. Rio de Janeiro, LTC, 1978.

GOFFMAN, E.. Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Editora Abril, 1984.

_____, B. Coleção Grandes Cientistas. Caps. 2 “A lei e a ordem primitivas”. São Paulo, Ática, 1986.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva, forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: . Sociologia e antropologia. v. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

_____. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: Sérvulo Augusto Figueira (org.) Psicanálise e Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. 1981.